

apk
Associação
Portuguesa
de Kiwicultores

Rua S. Paulo da Cruz, 12
4520-249 SANTA MARIA DA FEIRA
T 256 336 244 • M 912 593 825
apk@apk.com.pt • www.apk.com.pt

kiwi

Publicação Trimestral | N.º 59 - Julho 2019

editorial

Patrícia Duarte | Presidente da Direção

Caros associados

Chegámos a meados de 2019 e já todos nós sabemos que este é mais um ano de prova à nossa capacidade de resiliência. Seja porque o Leslie deixou mais marcas do que se viram logo na manhã do dia 14 de outubro, seja porque o frio em algumas zonas não foi suficiente, porque as temperaturas negativas nos visitaram já o calendário ia avançado, o granizo que também se fez anunciar ou o Maio agitado e a PSA que também deu um ar da sua graça... O certo é que muitos de nós não tiveram o prazer de sentir convenientemente o perfume das flores nos seus pomares neste ano de 2019.

Todas estas situações nos fazem olhar para trás e pensar o que se fez ou podia fazer em anos passados com situações semelhantes a estas. O certo é que as alterações climáticas estão mesmo aí e isso está a impor-nos um novo modo de fazer agricultura.

Esta mudança de paradigma não será fácil nem pacífica. Exigirá de todos os quadrantes uma análise cuidada e rigorosa onde os prós e os contras terão de ser analisados não só com sentido crítico, mas também com um espírito muito realista. Proibir sem alternativas tem inevitavelmente reflexo nas nossas produções.

Temos então de continuar atentos e pressionar para que as alternativas surjam. Levará tempo, mas há esperança, essa nunca a poderemos perder. Todos queremos e precisamos de alternativas. Prova disso são os inúmeros encontros, conferências e seminários que ocorreram no segundo trimestre do ano onde estas questões foram amplamente debatidas. Ministério da Agricultura, INIAV, Escolas Agrícolas, Centros de Investigação e Empresas estão todos eles conscientes da chegada deste novo paradigma e esse é o primeiro passo para que algo aconteça. Sejamos nós capazes de ajudar a vencer estas batalhas!

Acreditar é preciso e não podia deixar estas linhas sem uma nota mais positiva. E porque todos nós acreditamos que temos um produto de excelência, mostrá-lo e promovê-lo é uma obrigação. E foi isso que fizemos. Temos o prazer de partilhar convosco neste boletim a campanha que a APK fez junto da TAP, onde os nossos kiwis, KIWIS DE PORTUGAL (Kiwis de todos nós, kiwicultores portugueses) voaram literalmente para além mar a bordo da nossa companhia aérea, fazendo as delícias dos seus passageiros.

Bem hajam!

OS KIWIS DE PORTUGAL VIAJARAM SOB AS NUUVENS COM A TAP AIR PORTUGAL

De 24 a 28 de junho os Kiwis de Portugal, viajaram para Espanha, Marrocos, Brasil ou Inglaterra, no âmbito do Projeto SIAC Internacionalização. Estiveram também no TAP Lounge!

Pode ver mais sobre esta campanha na página de Facebook Kiwis de Portugal ou no site www.kiwisdeportugal.com



Crédito Agrícola

O Banco nacional
com pronúncia local

Desde 1911



REUNIÃO COM DIRETORA REGIONAL DE AGRICULTURA E PESCAS DO NORTE

No dia 10 de maio a APK reuniu com a Eng.ª Carla Alves, Diretora Regional de Agricultura e Pescas do Norte, para abordar temas de interesse para a fileira, como são as questões dos Seguros de Colheita, os projetos e medidas de apoio do Estado para a Agricultura, bem como os recentes eventos climáticos de abril (geada e granizo).



USO MENORES

A APK informa que foi autorizada a utilização do produto **GEOXE AV0561 (SYNGENTA)**, para aplicação em kiwi no combate à **Alternariose** (*Alternaria passiflora*) e **Podridão cinzenta** (*Botrytis cinérea*).

Técnica e equipamento de aplicação: Tratar desde a floração até perto da colheita, em condições favoráveis à doença. BBCH 73-89.

Data de extensão da autorização: 15/04/2019

Produto	Nº máx aplic.	Intervalo entre aplic. (dias)		Concentração			Volume de Calda			Dose			Intervalo de segurança (dias)
		mín.	máx.	mín.	máx.	unid.	mín.	máx.	unid.	mín.	máx.	unid.	
GEOXE	2	19	21	-	-	-	1000	1000	L/ha	0,45	0,45	kg/ha	7

O SILÍCIO NA PRODUÇÃO E FITOSSANIDADE

Nos últimos anos são vários os produtos fertilizantes que têm vindo a ser desenvolvidos pelas diversas marcas comerciais que têm como principal nutriente o Silício (Si), o que nos leva a refletir sobre a importância da sua utilização em agricultura. Comumente, são-lhe atribuídas algumas características fundamentais que justificam o crescente interesse neste elemento, tais como:

- Função reguladora na absorção e transporte de nutrientes essenciais:** responsável pela absorção sequencial do cálcio, azoto, magnésio, fósforo e potássio, pelo que, no caso de algum destes nutrientes estar indisponível, é quebrada a sequência, comprometendo a absorção dos seguintes;
- Aumento do tamanho dos vasos e espessamento das paredes celulares,** contribuindo para uma maior **resistência (i) a problemas abióticos** (granizo, geada, luminosidade insuficiente, granizo e stress hídrico), **(ii) problemas bióticos**, associados ao desenvolvimento de pragas e doenças, permitindo a ativação dos mecanismos de defesa naturais das plantas e ainda a acumulação de cristais de silício na epiderme dos tecidos vegetais, que têm efeito repelente sobre os insetos e **(iii) redução das necessidades hídricas das plantas**, pois o espessamento da cutícula das folhas conduz à redução da taxa de evapotranspiração e com isso, as

plantas ficam menos suscetíveis a danos decorrentes do stress hídrico.

Face ao apresentado, a integração do Si enquanto elemento nutricional no plano de fertilização dos kiwis poderá ser uma mais-valia para fazer frente a **um conjunto de situações adversas que condicionam o desenvolvimento e a produção desta cultura**, nomeadamente:

- Problemas de conservação dos frutos, pelo que, importa o silício pela sua capacidade de aumentar a absorção do cálcio (nutriente pouco móvel);
- O stress hídrico, fenómeno que tenderá a agravar-se dadas as oscilações anormais de temperatura e humidade cada vez mais comuns na região, a par dos eventos climáticos adversos que se têm vindo a verificar;

Face ao exposto, a aplicação de produtos à base de silício em todas as aplicações foliares de adubos, apresenta-se como uma solução interessante na produção do kiwi (maior qualidade, conservação e sanidade das plantas).



Departamento Técnico da Kiwicoop



TEL: +351 229 811 520
16irmaos@16irmaos.com
www.16irmaos.com

N 41.28345° - W 8.58616°
Zona Industrial do Soeiro I nº 24
4745-456 S. M. Coronado - Trófa



Telf: 243 593 410 • E-mail: agrovinal@mail.com



A FENOLOGIA DA FLORAÇÃO DOS POMARES DE KIWI EM PORTUGAL

Autores: FLOWer Lab, Centre for Functional Ecology, Universidade de Coimbra

O número de flores produzidas, assim como, a sincronização da floração entre plantas macho e fêmea, são dois fatores de grande importância na cultura do kiwi uma vez que afetam diretamente a disponibilidade de pólen, e a quantidade e calibre do fruto produzido. A floração é influenciada por diversos fatores, entre os quais se destacam as condições climáticas como fatores cruciais. Neste contexto, as alterações climáticas que se têm vindo a registar e que se preveem vir a resultar em eventos extremos no futuro (Loureiro et al. 2017), terão um impacto determinante na fileira do kiwi. O desenvolvimento da flor do kiwi tem um ciclo de dois anos, com duas fases, a indução floral que ocorre no mês de junho e o desenvolvimento da flor que ocorre na primavera seguinte. Consequentemente, as estruturas florais permanecem em dormência durante o inverno. Por sua vez, a quebra de dormência e o momento e intensidade da floração são determinadas pelo número de horas de frio acumuladas durante o período de dormência de inverno, sendo necessárias 600 a 800 horas de temperaturas abaixo de 7 °C, entre os meses de dezembro e fevereiro. Assim, quanto maior o número de horas de frio mais abundante a floração, ao passo que temperaturas amenas durante o inverno resultam num atraso na quebra de dormência e consequente retardar da floração, assim como na produção de um menor número de flores.

O período de floração do kiwi verde, ainda que com alguma discrepância entre variedades, ocorre normalmente em meados do mês de maio e pode durar entre 5 a 15 dias, dependendo se a floração é mais homogénea (i.e., grande número de flores em estados fenológicos similares) ou heterogénea (i.e., flores em diferentes estado fenológicos), respetivamente. O tempo de vida das flores femininas da variedade Hayward é de cerca de 7 dias após abertura das pétalas (González 1996), mas a sua maior receptividade ocorre na segunda metade da vida da flor. Um estudo recente por Tacconi et al. (2016) mostra uma maior receptividade, e consequentemente a produção de frutos de maior calibre, em flores que começam a perder ou já perderam as pétalas. As flores masculinas produzem pólen viável durante 2-3 dias após a abertura da flor, sendo a quantidade de pólen dependente da variedade. Variedades como Matua e Tomuri, frequentemente cultivadas em Portugal, produzem quantidades similares de pólen, com taxas similares de germinação (González 1994), e diferem fundamentalmente na sua fenologia. As diferenças na fenologia em relação às plantas femininas, tendencialmente precoce no Matua e mais tardia no Tomuri, permitem



Flores e botões



Frutos vingados



Ano de 2018



Ano de 2019

digitalgreen
tecnologia & software

ACADEMIA
BY ZONAVERDE





A FENOLOGIA DA FLORAÇÃO DOS POMARES DE KIWI EM PORTUGAL (cont.)

garantir disponibilidade de pólen no pomar durante um maior período de tempo.

No âmbito do Grupo Operacional i9Kiwi, durante os últimos dois anos, desenvolveram-se atividades de avaliação da floração em 19 pomares do Centro e Norte de Portugal, incluindo todos os parceiros do projeto, e produtores extra que, entretanto, se mostraram disponíveis para participar nas atividades.

Os pomares monitorizados incluem quatro variedades femininas (Hayward, Erica, Earlygreen e Tsechlidis) emparelhadas com uma ou mais variedades de macho (e.g., Tomuri, Matua, Chieftain). A contabilização das flores nos diferentes estados fenológicos permitiu avaliar a sincronização da floração entre plantas masculinas e femininas, e a replicação das observações em anos diferentes, permite avaliar o impacto das condições climáticas nessa sincronização. Esta contabilização consistiu na contagem do número de botões, flores abertas, flores sem pétalas, e frutos vingados, quando aplicável, em vários ramos por planta, em pelo menos 10 plantas de cada variedade do pomar.

Os resultados preliminares mostram diferenças entre os dois anos monitorizados. Em 2018, a floração foi mais tardia, decorrendo no final de maio, em consequência de um inverno tardio. Os resultados preliminares sugerem uma boa sincronização entre a floração de machos e fêmeas assim como uma relativa homogeneidade na floração. Por outro lado, em 2019, a floração decorreu na segunda metade de maio, tendo-se atingido as horas mínimas de frio mais cedo do que em 2018; no entanto, a sincronização entre machos e fêmeas foi menor, observando-se uma maior variação entre pomares. Ou seja, enquanto em alguns pomares se atingiu uma boa sincronização na floração de fêmeas e machos, noutros observou-se um claro adiantamento das fêmeas em relação aos machos ou vice-versa. Os resultados preliminares de 2019 sugerem também uma quebra na produção de flores e uma maior heterogeneidade na floração das fêmeas, tendo sido possível encontrar numa mesma planta, ao mesmo tempo, botões, flores abertas e frutos vingados, muito provavelmente devido a picos de maiores temperaturas alternados com dias com temperaturas mais baixas registados durante a primavera deste ano e variáveis ao longo do território nacional. O próximo passo consistirá na análise dos resultados obtidos conjuntamente com parâmetros climáticos dos locais estudados, em particular com a temperatura, por forma a correlacionar de uma forma mais precisa os eventos abióticos registados com os padrões fenológicos observados, e assim perceber os efeitos das condições climáticas na resposta fenológica de cada variedade.

González MV, Coque Q, Herrero M (1994) Pollinator selection in kiwifruit (*Actinidia deliciosa*). *J Hort Sci* 69:697–702.

González MG (1996) Período efectivo de polinización en kiwi (*Actinidia deliciosa*): Duración y factores.

Loureiro J, Castro P, Alves F, Figueiredo A (2017) Plano Intermunicipal de Adaptação às Alterações Climáticas da CIMRC. CIMRC e Universidade de Coimbra Coimbra.

Tacconi G, Michelotti V, Cacioppo O, Vittone G (2016) Kiwifruit pollination: The interaction between pollen quality, pollination systems and flowering stage. *J Berry Res* 6:417–426. doi: 10.3233/JBR-160138

HOMAR
ENERGIAS RENOVÁVEIS
SISTEMAS DE APOIO À AGRICULTURA

 **CA**
Crédito Agrícola
O Banco nacional
com pronúncia local
Desde 1911



entrevista

António Avelino Luíz

Atividade principal: Diácono

Atividade secundária: Kiwicultor/Micocultor

Idade: 53

Localização do pomar: Caldas de S. Jorge, Santa Maria da Feira

Área: 1,5 hectares

1. Em que ano se dedicou à Kiwicultura? Que motivos o levaram a optar por esta atividade?

A Kiwicultura começou como um hobby há cerca de 30 anos atrás. Fomos propagando algumas plantas que plantamos em terrenos próprios nos quais semeávamos milho, roubando terreno a este até o suprimir completamente. A rentabilidade dos kiwis, a orografia dos terrenos e as condições edafoclimáticas, propícias à cultura do kiwi, foram fatores que impuseram esta troca de culturas.

2. Qual considera ser o perfil de um bom Kiwicultor?

Um bom kiwicultor terá que ser alguém munido da humildade que o torna capaz de buscar constantemente novos conhecimentos e o impedirá de ficar agrilhoadado à "sua sabedoria"; terá que ser alguém empreendedor, percebendo que conjugando forças com outros produtores rentabilizará o seu empreendimento; terá que ser alguém comprometido com a qualidade dos seus kiwis, contribuindo assim para uma maior afirmação de uma qualidade nacional que possibilitará um mais fácil escoamento da produção e uma maior valorização da mesma.

3. Quantos funcionários a tempo inteiro têm a trabalhar na exploração? E a tempo parcial?

Apenas eu me encontro dedicado a tempo (quase) integral à exploração. Nas épocas de maior trabalho recorro a trabalhadores temporários.

4. Está preocupado com a PSA? Implementou nos seus pomares medidas de prevenção? Poderia partilhá-las connosco?

Sim estou. Sigo no pomar as medidas implementadas para o controlo desta doença, muito difundidas pela APK: cuidados no acesso ao pomar, desinfeção de calçado, ferramentas e cortes (durante as podas), corte e destruição de varas afetadas, aplicação cíclica de Bion e Nordox, bem como a aplicação de bioestimulantes das defesas da planta.

5. Quais são as suas expectativas para a evolução do mercado do Kiwi?

Sendo certo que existem países produtores emergentes, que competirão com Portugal nos mesmos mercados – falo sobretudo da Turquia –, creio que se fizermos uma aposta na qualidade do nosso fruto e numa boa promoção do mesmo, não há razões para recear a evolução do mercado do kiwi, ou por outra: esta será positiva.

6. Que conselhos deixaria aos dirigentes do sector?

Que continuem a bater-se pela qualidade e promoção além-fronteiras do Kiwi de Portugal.

7. Para si, qual é o passo que os Kiwicultores têm de dar para valorizar a comercialização do Kiwi português?

Como atrás referi, precisamos que a qualidade seja a nossa imagem de marca, que seja diferenciadora dos kiwis portugueses. E não chegam, para esta qualidade as ótimas condições edafoclimáticas que Portugal possui. É necessário que os kiwicultores, no pomar, contribuam também, pelas práticas culturais, para esta qualidade.

8. Na sua opinião, em que aspetos é que a APK tem contribuído para a melhoria da Fileira do Kiwi? E a nível individual, tem sentido alguma mais-valia por ser associado da APK?

A APK é uma plataforma de encontro dos vários intervenientes na fileira do kiwi e por assim ser, possibilita um diálogo entre os diferentes interesses, nem sempre convergentes, e permite que a kiwicultura nacional ganhe escala e representatividade. É também um espaço de formação e informação e nos últimos anos tem-se afirmado como um organismo promotor da qualidade do Kiwi de Portugal.

Olhar as mais-valias de ser sócio da APK numa perspetiva individual é, para mim, uma perspetiva redutora. Existem mais-valias individuais, mas ressalto que o maior ganho individual que posso obter é o de, coletivamente, tornarmos a fileira do kiwi numa fileira forte e bem estruturada capaz de afirmar a qualidade do Kiwi de Portugal e assim permitir um maior e melhor escoamento do nosso produto. Ganharemos tanto mais individualmente quanto mais coletivamente tivermos força e organização.

A APK agradece ao Associado o seu depoimento e o seu testemunho

SEMINÁRIO CONTROLO BIOLÓGICO E TÉCNICAS DE PROTEÇÃO DAS CULTURAS

O Seminário de Controlo Biológico e Técnicas Alternativas de Proteção das Culturas, que decorreu no dia 11 de abril, no Auditório da Escola Superior Agrária de Santarém, organizado pela DGAV, abordou a necessidade de proteção das culturas contra pragas e doenças, nomeadamente devido à retirada do mercado de um elevado número de produtos fitofarmacêuticos, um tema que tem vindo a assumir uma importância crescente nos últimos anos.



A DGAV apresentou o Plano de Ação Nacional para o uso sustentável de produtos fitofarmacêuticos e de seguida foram apresentados e debatidos métodos alternativos para controlo de pragas e doenças e os novos desafios na proteção de culturas.

A Direção da DRAPLVT, em representação do Secretário de Estado da Agricultura e Alimentação, encerrou o seminário.

InstalRega



site www.instalrega.com | e-mail instalrega@gmail.com



HUBEL®

Verde

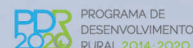


zonaverde®

Soluções à medida para os desafios da sua empresa

ELABORAÇÃO DE CANDIDATURAS PDR

Medida 3.1.1 JOVENS AGRICULTORES



ATÉ 60% DE APOIO A FUNDO PERDIDO
Investimento Mínimo: 25 000€

Candidaturas abrem brevemente.

Medida 3.3.1 TRANSFORMAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS AGRÍCOLAS



ATÉ 45% DE APOIO A FUNDO PERDIDO
Investimento Mínimo: 200 000€

Candidaturas abrem brevemente.

FALE CONNOSCO, PARA MAIS INFORMAÇÕES.



/zonaverdept

+351 968 943 849 | consultoria@zonaverde.pt | www.zonaverde.pt

ÍNDICE DA
EXCELÊNCIA
2018

ACADEMIA BY ZONAVERDE

O seu próximo desafio começa aqui...

CURSOS ONLINE | ÁREA AGRÍCOLA

FORMAÇÃO BASE PDR 2020 -
AGRICULTURA SUSTENTÁVEL

GESTÃO DA EMPRESA AGRÍCOLA

COMERCIALIZAÇÃO
AGROALIMENTAR EM CIRCUITOS
CURTOS

SOLOS E FERTILIDADE

SEGURANÇA E SAÚDE NO
TRABALHO AGRÍCOLA

CULTURAS DE FRAMBOESA,
MIRTILO, AMORA E GROSELHA

AGRICULTURA BIOLÓGICA

IMPLEMENTAÇÃO GLOBAL GAP





II JORNADAS DE HOMOLOGAÇÃO DE PRODUTOS FITOFARMACÊUTICOS

Todos os dias há substâncias ativas a ser retiradas do mercado. Há falta de produtos fitofarmacêuticos alternativos no mercado, no entanto, chegam regularmente a Portugal novas pragas com impacto nas culturas, e sob vias que a legislação ainda não consegue controlar. Os agricultores e a indústria fitofarmacêutica estão atentos e alertam: é preciso alternativas, flexibilidade e eficácia.

Processos exigentes, que geram menor eficácia na resposta às necessidades dos agricultores; redução de substâncias autorizadas no mercado, que diminuem a capacidade de controlo de problemas fitossanitários; normas de orientação comunitária que geram imprevisibilidade e atrasos na aprovação de substâncias; um volume de pedidos que não traz valor agro-económico acrescido: Agricultores, DGAV- Direção Geral de Alimentação e Veterinária e ANIPLA - Associação Nacional da Indústria para a proteção das Plantas, reuniram-se para mais uma edição das Jornadas de Homologação de Produtos Fitofarmacêuticos, a 17 de abril, no ISA – Instituto Superior de Agronomia, marcadas pela consensualidade nos argumentos e na defesa de uma causa co-Importa unir esforços e criar uma linha de comunicação consistente entre todos os protagonistas desta discussão. A indústria tem argumentos, e, cada vez mais, deve intervir e aumentar a transparência dos seus agentes. “Num ano marcado pela perda de inúmeras substâncias ativas, é preciso investigar, antever o aparecimento de novas pragas, é preciso reforçar a confiança do consumidor sobre os produtos que escolhe diariamente. Os efeitos das alterações climáticas continuam a não dar tréguas e a prejudicar as culturas sazonais. A redução de substâncias ativas autorizadas, ainda mais. A difusão de informação pouco sustentada quebra a confiança, é preciso legitimar a qualidade do que é produzido em Portugal. E para isso o sector precisa de se unir e não desistir”, referiu Felisbela Campos, Presidente da Direção da ANIPLA, na abertura de mais uma edição das Jornadas.

ANIPLA e agricultores estão preocupados com a progressiva diminuição de soluções disponíveis no mercado para proteção de culturas e defendem maior celeridade e flexibilidade nos processos de avaliação e aprovação. Preocupação partilhada pela DGAV, uma vez que “o Regulamento n.º 1107/2009 trouxe-nos a partilha de trabalho. Trouxe-nos uma harmonização e uniformização dos procedimentos e critérios de avaliação e decisão. Trouxe-nos o potencial de previsibilidade e gestão da atividade e a sua qualidade e rigor, mas trouxe consigo a principal das ameaças: integrar novos dados e



processos comunitários conduz a uma maior imprevisibilidade na aprovação das substâncias e respetivo controlo de danos”, refere Bárbara Oliveira, Diretora de Serviços da DGAV, revelando que face às 483 substâncias aprovadas na UE, às 846 não aprovadas e aos 33 pedidos pendentes há um desafio eminente a que o sector terá que responder - há cada vez mais substâncias a ser retiradas do mercado, sem alternativas. Manter o diálogo e a união de interesses entre estados membros é fundamental, contudo, “há que ter em atenção as necessidades específicas de cada estado. Devemos assegurar o equilíbrio entre aquilo que são as normas e procedimentos comuns, caminhando lado a lado com os estados membros, com vista à harmonização dos processos, mas adequando-os aos melhores formatos de controlo e fiscalização para cada realidade”, sublinha Bárbara Oliveira quando abordadas as principais preocupações da DGAV sobre o futuro da regulamentação. Preocupação partilhada por António Lopes Dias, Diretor Executivo da ANIPLA, que aproveita o momento para reforçar que “a avaliação zonal pode ser um presente envenenado. Porque quando um país do Sul analisa o potencial de risco de uma substância ativa para um membro, todos os outros estão dependentes da sua colocação no mercado. Por isso urge encontrar o equilíbrio, tornando o sistema mais ágil e eficiente”.

Fonte: flash! FitoSintese (fitosintese.pt)



PRILUX

Comércio, Construção e Obras Públicas, Lda.

**Sistemas de Rega - Estufas
Automatismos e Bombagem - Hidroponia - Fertirega
Jardins - Charcas - Piscinas
Parques Desportivos - Projectos Agrícolas**

Ponte de Vagos
Rua Principal, nº 142-144
3840-326 Ponte de Vagos

telf: 234 780 050
geral@angopri.com
www.prilux.pt



Crédito Agrícola

O Banco nacional
com pronúncia local

Desde 1911



FRUTAS E LEGUMES NACIONAIS À CONQUISTA DE NOVOS MERCADOS

O setor das frutas, legumes e flores *made in Portugal* continua a afirmar-se no mercado internacional, mas é necessária maior promoção para se atingirem novos mercados. “Em 2030, as compras de frutas e legumes no Mundo vão atingir 4,8 trilhões de euros, com a Ásia e a Oceânia a representarem 56% das compras mundiais do setor. É na China, Índia e Indonésia que estão as maiores oportunidades para a exportação, dada a dimensão populacional desses países”, defendeu Gonçalo Santos Andrade, presidente da Portugal Fresh – Associação para a Promoção das frutas, Legumes e Flores de Portugal, no passado dia 16 de Maio, em Oliveira do Bairro. Perante uma plateia de 80 pessoas que marcaram presença no seminário sobre Internacionalização, promovido pela Portugal Fresh, Gonçalo Andrade realçou a necessidade de uma maior aposta na promoção do setor nos mercados internacionais. “Em 2010, o sector exportava 780 milhões de euros. Em 2018, atingimos os 1.502 milhões de euros, graças ao dinamismo dos empresários agrícolas. Mas enquanto a Portugal Fresh tem um orçamento de 700 mil euros para promoção internacional, o sector do vinho exporta 803 milhões de euros, mas tem um orçamento de 14 milhões de euros”.

Lidl exportou 15 mil toneladas de hortofrutícolas em 2018



A parceria firmada há quatro anos entre a Portugal Fresh e a cadeia de supermercados Lidl Portugal para a exportação de frutas e legumes *made in Portugal* corre de vento em popa. De acordo com Jorge Pierre Silva, diretor de compras do Lidl, no ano passado, foram exportados cerca de 15 mil toneladas de hortofrutícolas portuguesas para o mercado europeu, mais concretamente, para alguns dos 30 países onde a cadeia alemã tem lojas. A pera Rocha é campeã das exportações, com mais de 10 mil toneladas, seguindo-se os frutos

vermelhos, com destaque para a framboesa, a couve coração, para além da maçã de Alcobaca, castanhas e melões. Para Jorge Pierre Silva, a seleção de produtos a exportar é baseada nas necessidades do mercado-alvo, na qualidade e na escala de produção. E dá o exemplo da pera Rocha: “Conseguíamos uma pera mais barata em França, mas a qualidade da pera portuguesa, assim como o facto de conseguirmos assegurar fruta ao longo de todo o ano, foram as razões da nossa escolha”. Após a seleção, segue-se a fase de testes do produto em loja, e se existir aceitação por parte do consumidor, a aposta é para continuar. Em declarações à Fruta, Legumes e Flores, o diretor de compras não descarta a hipótese de se avançar com outros hortofrutícolas. “Recentemente, começamos a exportar cenoura biológica nacional e há outros produtos na calha. O kiwi, produto emblemático desta região, é uma hipótese, porque tem qualidade e produção em escala”.

Kiwicoop vai atingir 14 mil toneladas

É em plena Bairrada, em Oliveira do Bairro, que se encontra a Kiwicoop, a maior organização de produtores (OP) de kiwi em Portugal. Trinta e um anos desde a sua fundação e hoje com mais de 350 associados, a cooperativa produz anualmente cerca de 6.000 toneladas de kiwi, a grande maioria de kiwi verde, na variedade Hayward. Para o futuro, os planos são ambiciosos. “Em virtude do aumento de área que temos vindo a fazer, dentro de dois a três anos esperamos atingir as 14 mil toneladas. Mas em vez de kiwi verde, estamos a fomentar variedades de amarelo e vermelho”, avança António Almeida, responsável daquela OP. Esta estratégia tem uma razão. “Como a colheita das variedades de kiwi amarelo e vermelho acontece mais cedo, entre Setembro e Outubro, isso permite-nos uma melhor gestão da nossa capacidade de frio, cerca de 10 mil toneladas, porque de outra forma teríamos mais dificuldades em acondicionar toda a fruta”, justifica. Quanto a exportações, António Almeida é categórico: “Temos necessidade premente de encontrar novos mercados”. Até agora a Kiwicoop tem exportado cerca de 60% da produção, 50 % para Espanha e os restantes 10% repartidos pelo Brasil, Canada e Marrocos.

Kiwis nacionais são os mais apreciados

Os kiwis *made in Portugal* “apresentam uma doçura elevada, acidez e firmeza média, e são estas as principais características que os diferenciam dos kiwis importados”, destaca Maria João Monteiro, professora e investigadora da Escola Superior de Biotecnologia da

Sede:

Z.I. Abrunheira
R. Thilo Krassman, N.º 2 - Fc. A
Abrunheira - 2710-141 Sintra
T. 219 154 600

Delegação Norte

Z.I. Maia - R. Alexandre Magalhães
Sector X, Lt. 330, N.º 23
Barca - 4475-251 Maia
T. 229 477 850

tecniquitel

geral@tecniquitel.pt

www.tecniquitel.pt

- Engenharia & Sistemas Incêndios
- Detecção & Extinção Incêndios
- Sistemas Fixos Detecção Gases
- Projetos Segurança
- Reservatórios Água
- Instrumentação Analítica Gases
- Detecção Alcoolemia & Drogas
- Tracking Pessoal & Gestão
- Proteção Contra Incêndios
- Proteção & Saúde Ocupacional

SAICAPACK

... antecipando soluções!

Ovar
Apartado 75 - Zona Industrial
3881-901 Ovar - Portugal
Tel.: 256 580 950 - 256 580 960
geral.pack.ovar@saica.com



www.saica.com



FRUTAS E LEGUMES NACIONAIS À CONQUISTA DE NOVOS MERCADOS (cont.)

Universidade Católica Portuguesa do Porto. Esta é a principal conclusão de um estudo levado a cabo por aquela instituição de ensino, em parceria com a Associação Portuguesa de Kiwicultores, para identificação dos atributos físico-químicos e sensoriais do kiwi nacional quando comparado com kiwi importado.

A investigação decorreu ao longo de dez meses, entre 2017 e 2018, e englobou três amostragens nas quais foram analisadas 28 amostras de kiwis da variedade Hayward, 18 de origem portuguesa. A avaliação da qualidade sensorial dos kiwis e aceitação do produto envolveu 168 produtores não-treinados, 59 profissionais ligados à produção e/ou comercialização de kiwis e 119 consumidores, sendo que todos desconheciam a origem dos frutos que analisavam.

Nas três amostragens os grandes vencedores foram os kiwis nacionais. “O consumidor sabe perfeitamente o que gosta e, no caso do kiwi, aprecia um fruto equilibrado entre doçura, acidez e firmeza”. Por outro lado, e a título de exemplo, Maria João Monteiro referiu uma amostra de um kiwi chileno tão duro que não conseguiu ser avaliado. “atingia 3.000 de firmeza quando os kiwis nacionais mais apreciados se situavam, entre 170 e 300 de firmeza. E passou de duríssimo a estragado”, conta. E foi com o slogan “Coma kiwis pela sua saúde e puro prazer” que a investigadora deu por encerrada a sua apresentação.

Fonte: Revista Frutas, Legumes e Flores n.º 198 de Junho de 2019

GRUPO FOCAL POLLOLEGI

No âmbito do Projeto Poll-Ole-Gi Sudoe decorreu no passado dia 18 de junho nas instalações da Confederação dos Agricultores de Portugal o Grupo Focal “A importância da polinização na agricultura: o papel das infraestruturas verdes na proteção dos polinizadores”.

Organizado por José Paulo Sousa e Henrique Pereira do Soil Ecology and Ecotoxicology Laboratory (SEEL) e por Fátima Alves e João Aldeia do Grupo de Investigação Sociedades e Sustentabilidade Ambiental do Centre for Functional Ecology - Science for People & the Planet (CFE), e com apresentações de Sílvia Castro do FLOWer Lab, de Joana Alves e de Henrique Pereira, ambos do SEEL, o grupo focal contou com a presença de vários atores do setor agrícola de Portugal, em particular, João Casaca da FNAP, Cláudia Gonçalves da CAP - Confederação dos Agricultores de Portugal, Bárbara Oliveira da DGAV, Rui Maia de Sousa do INIAV, IP, Maria do Carmo Martins do COTHN, Alexandra Gomes da APK - Associação Portuguesa de Kiwicultores, Nuno Sequeira e Sandra Pereira da Quercus - ANCN, Cristina Carlos da ADVID, Nuno Oliveira da Herdade do Esporão, Tiago Pinto da Anpromis, João Coimbra da Quinta da Choldra (Milho Amarelo), Maria do Céu Godinho da Escola Superior Agrária de Santarém, Paulo Pereira das Sementes Vivas, João Santos Silva do Centro de Competências Tomate Indústria, João Cardoso da Anipla - Associação Nacional da Indústria para a Proteção das Plantas.

Após as apresentações dos resultados principais obtidos no âmbito do projeto Poll-Ole-Gi, por parte da equipa do CFE, os vários atores apresentaram as suas perceções e opiniões sobre as infraestruturas verdes, tendo enunciado os aspetos positivos e negativos deste tipo de infraestruturas ecológicas.



Fonte: Centre for Functional Ecology - Science for People & the Planet



VIVEIROS
MCOUCEIRO
PRODUTOR
DE FRUTEIRAS
E ORNAMENTAIS
DE EXTERIOR

www.viveirosouceiro.pt

Rua do Bairro Novo, s/n,
Casal de Ermio, 3200-010 Lousã
964 327 036. 964 864 816
viveirosouceiro@gmail.com

zonaverde®
f o r m a ç ã o • c o n s u l t o r i a



www.digitalgreen.pt

digitalgreen

MARKETING DIGITAL & E-COMMERCE

- ◆ Planos de marketing digital
- ◆ Desenvolvimento de websites mobile e desktop
- ◆ Criação e aceleração de lojas online
- ◆ Otimização de conteúdo para o Google
- ◆ Desenvolvimento de landing pages para geração de leads
- ◆ Análise de websites e perfis de redes sociais
- ◆ Marketing de conteúdo e storytelling

| Criamos experiências digitais invencíveis |



Digitalgreen, Lda.
3CE Z. I. do Roligo
Rua 25 de Abril nº 313
4520-115 Santa Maria da Feira

T +351 256 305 263
comercial@digitalgreen.pt
www.facebook.com/digitalgreen.pt
www.digitalgreen.pt





2.º COLÓQUIO SOBRE USO SUSTENTÁVEL DOS PESTICIDAS

Sobre os quatro painéis temáticos que, sequencialmente, trataram aspetos fulcrais para o melhor uso dos pesticidas, podemos sintetizar aspetos, alguns positivos, outros negativos e outros ainda a melhorar que poderão contribuir para as agendas e planos de ação dos vários atores numa perspetiva integradora e de ajuste dos objetivos que em última análise nos são comuns: atividade agrícola sustentável com meios viáveis, proteção da saúde de todos e garantia da conservação dos recursos naturais.

Assim podemos dizer que:

- A proteção integrada é uma inovação que reúne soluções mais adequadas na proteção das culturas, mas só com o verdadeiro e sério cumprimento das suas componentes. As soluções que integra, desde as mais antigas e conhecidas até às, ainda, promissoras, constituem o que poderá ser uma proteção das culturas com uma forte diminuição da dependência dos produtos fitofarmacêuticos. Muito é o conhecimento existente a ser explorado: o recurso à engenharia genética e à engenharia dos materiais, a modelação do risco de ocorrência de pragas, doenças e infestantes e outras áreas que de forma multidisciplinar podem contribuir para a desejável proteção das culturas;
- O reforço de investimento atribuído, no presente, a melhoria das práticas agrícolas e a proteção das culturas materializadas em dezenas de projetos, carece de uma complementar cultura de partilha do conhecimento com os setores produtivos e de uma maior relação institucional dos agentes, desde a investigação ao uso das soluções encontradas.
- O incremento de mais e melhores incentivos à capacitação dos agentes no que aos pesticidas diz respeito é, continuamente, uma necessidade que não pode ser descurada;
- A exposição, a partir da alimentação, a resíduos de pesticidas, mesmo que em "micro doses", pode ter efeitos negativos na saúde ao nível do sistema endócrino. As ciências médicas reúnem, hoje, um conhecimento sobre o efeito crónico de exposição a poluentes e outros produtos que nos "obriga" a, cada vez, reunir melhor informação no ato da tomada de decisão em proteção das plantas;
- A Lei 26 deve ser fiscalizada, monitorizada e até melhorada para que possamos ir ao encontro de práticas agrícolas mais próximo do desejável;
- A grande distribuição está alerta e assiste-se a uma regulação mais exigente no que se refere ao estabelecimento de níveis de resíduos que vão além dos LMR estabelecidos por Lei. Ficou o registo de que saibamos nós comunicar bem estes aspetos ao consumidor que nem sempre são de fácil compreensão por parte da sociedade em geral;
- A minimização dos riscos que decorrem do uso de pesticidas passa pela capacitação e pela mudança continuada dos sistemas agrícolas. Foi dado grande enfoque à resiliência dos ecossistemas agrícolas. Há que trabalhar ao nível da paisagem agrícola e de redescobrir a melhor gestão ao nível das infraestruturas e da biodiversidade funcional;
- As abordagens na análise de risco deverão ser mais abrangentes e ter em conta os hábitos agrícolas no que respeita ao uso de misturas para combater inimigos diferentes.

- É necessário saber mais sobre os efeitos a longo prazo e há que instituir uma prática de "vigilância" permanente pós-registo de pesticidas;
- O mercado de pesticidas na Europa tem sido exigente e suporta-se no princípio da precaução, mesmo no que respeita aos biopesticidas. É assim desejável que continue, todavia é também desejável que sejam usados os mecanismos previstos na UE para colocar, no mercado nacional, as soluções com perfis toxicológicos e ecotoxicológicos mais favoráveis já existentes no mercado europeu;
- A produção não viu, ainda, em prática o "reconhecimento mútuo" como instrumento europeu para colocação de novos produtos no mercado nacional, sendo que ficou claro que poderá ser a produção a solicitar o início dos processos.

Neste fórum foi ainda possível fomentar as relações institucionais e melhorar o diálogo que se quer construtivo com destaque para a presença atenta dos representantes das entidades reguladoras e de outros agentes de decisão.



Maria do Céu Godinho
ESAS - Escola Superior Agrária de Santarém

 **CA**
Crédito Agrícola
 O Banco nacional
 com pronúncia local

Desde 1911



OPERAÇÕES CULTURAIS - PERÍODO DE JULHO A SETEMBRO

	JULHO				AGOSTO				SETEMBRO			
	Dias											
	1	8	15	22	1	8	15	22	1	8	15	22
Monda												
Poda Verde												
Rega												

Atividades a Desenvolver	Época	Objetivo	Metodologia
Monda	Até final de Julho	→ Melhorar a qualidade dos frutos (tamanho e forma).	<ol style="list-style-type: none"> 1) Eliminar os frutos deformados (exceto planos), com defeitos de epiderme, pequenos redondos (sem potencial de crescimento) e em excesso. 2) Quanto mais cedo se realizar esta operação, melhor serão os resultados obtidos no aumento do tamanho dos frutos. No entanto, deve ser realizada numa fase em que se consigam distinguir os frutos pequenos dos frutos grandes.
Poda Verde	A partir de Julho, sempre que for necessário	<p>→ Controlar o vigor vegetativo das plantas femininas.</p> <p>→ Promover o arejamento e iluminação no pomar e consequentemente nos frutos, potenciando o aumento dos frutos e a diminuição de fungos.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1) Realizar desponta nos ramos frutíferos (eliminar parte dos ramos frutíferos, efetuar um corte cerca de 3/4 folhas após o último fruto). 2) Despontar os ramos de crescimento indeterminado que estejam a impedir a passagem de máquinas ou a provocar ensombramento. 3) Evitar que as varas que vá deixar na poda de Inverno enrolem, despontando-as. 4) Não despontar os ramos de crescimento determinado uma vez que potencia a rebentação.
<p>Não se esqueça de manter as suas plantas sempre bem regadas e de efetuar a manutenção do sistema de rega!</p> <p>(O stress hídrico provoca atrasos irreversíveis no crescimento fruto)</p>			